



GÊNERO, FILOSOFIA E A EXCLUSÃO DAS MULHERES FILÓSOFAS

Gender, Philosophy and the Exclusion of Women Philosophers

Graziela Rinaldi da Rosa¹

Resumo: Por um longo tempo falar de Gênero e Filosofia não foi considerado um tema filosófico na história da Filosofia. No Brasil percebeu-se a presença de alguns grupos vinculados a Universidades brasileiras, que no início dos anos 2000 problematizavam gênero e Filosofia. No entanto, antes ainda, algumas filósofas ousaram denunciar os preconceitos de gênero e denunciar as relações de gênero marcadas por violências, preconceitos e exclusões de mulheres e suas ideias. Nesse trabalho queremos ressaltar a importância de seguirmos denunciando das violências que as mulheres sofrem ao estudar Filosofia. Busca-se compartilhar parte de um estudo de mestrado realizado com professoras de Filosofia durante início dos anos 2000, e refletir sobre os avanços que temos tido sobre o protagonismo das mulheres filósofas no Brasil, principalmente a partir da criação de uma rede de mulheres filósofas e do GT Filosofia e Gênero da ANPOF.

Palavras-Chave: Feminismos. Mulheres filósofas. Gênero e Filosofia.

Abstract: For a long time, talking about Gender and Philosophy was not considered a philosophical topic in the history of Philosophy. In Brazil, the presence of some groups linked to Brazilian Universities was noticed, which in the early 2000s problematized gender and Philosophy. However, even earlier, some philosophers dared to denounce gender prejudices and denounce gender relations marked by violence, prejudice and exclusion of women and their ideas. In this work we want to highlight the importance of continuing to denounce the violence that women suffer when studying Philosophy. The aim is to share part of a master's study carried out with Philosophy professors during the early 2000s, and reflect on the advances we have made regarding the protagonism of women philosophers in Brazil, mainly through the creation of a network of women philosophers and of the ANPOF Philosophy and Gender GT.

Keywords: Feminisms. Women philosophers. Gender and Philosophy.

¹ Professora adjunta do Instituto de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande-FURG/RS. Doutora em Educação-UNISINOS. Phd. Integrante da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e Membro Permanente do Grupo de Trabalho de Gênero e Filosofia da ANPOF. Atuou como professora de Filosofia mais de 18 anos na educação básica de ensino. E-mail: grazirinaldi@gmail.com



PENSAR COM AS MULHERES NA FILOSOFIA: UMA INTRODUÇÃO NECESSÁRIA

Nós, educadoras, nos conhecemos muito pouco enquanto professoras de Filosofia, pois, mesmo tendo autonomia intelectual, muitas de nós, ainda, nos deixamos representar. Estamos tendo oportunidades, de ousar nas salas de aulas, desde o Ensino Fundamental até a academia, mas continuamos trabalhando sem levar em conta o que nossos pares disseram. Até ousamos, mas muito pouco! Dessa maneira, estou marcada por discursos androcêntricos em pleno século XXI. Procurar por mulheres dentro ou fora da academia, em 'seus cativeiros' e perdidas no 'labirinto', é o mínimo que podemos fazer. Talvez seja necessário insistir na investigação paciente, voltada para recuperar e transmitir [ecoar] as vozes das autoras. Sendo assim, penso esta pesquisa como o início de uma longa caminhada, numa tentativa de me perceber em meu próprio cativeiro. É um estudo que não se esgotará facilmente, que traz o sonho de uma filosofia que pensa no feminino, que reconhece que as palavras não foram apenas ditas e pensadas por homens, já que muitas foram escritas com luta e caladas com sangue de mulheres, que intrepidamente, amaram a sabedoria, mesmo quando silenciadas.²

Em 2012 o livro “As Relações de Gênero na Filosofia” foi finalizado com essas palavras. Denunciando os cativeiros que nós mulheres muitas vezes nos encontrávamos na Filosofia é que se usou essa analogia, juntamente com a do labirinto. Tais ideias foram inspiradas principalmente nas narrativas de vidas de mulheres professoras de filosofia, em programas de pós-graduação no Sul do Brasil, que contribuíram para a pesquisa. Mas, além delas, a ideia de “cativeiros de las mujeres” vem das reflexões de Marcela Lagarde y de los Ríos, uma antropóloga Mexicana, que denunciou os cativeiros das “madreposas, monjas, putas, presas y locas”, compreendendo a categoria “cativeiro” como uma crítica as opressões patriarcais e de classe:

Para apreender hechos de la vida de las mujeres y del mundo en que viven, elaboré en unos casos, y en otros di nuevos contenidos, a un conjunto de teorías abiertas y de categorías en proceso, desarrolladas en este trabajo, y que a continuación enlisto: Antropología de la mujer,

² ROSA, Graziela Rinaldi da. **As Relações de Gênero na Filosofia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. p. 93.



condición histórica o genérica de la mujer, situación de las mujeres, opresión genérica de la mujer y de las mujeres; cautiverio [...].³

Consequimos sair de alguns cativeiros? Temos que avançar com nossas leituras sobre as mulheres filósofas? Estamos citando as mulheres filósofas em nossos estudos e escritos? Quais pensadoras inspiram nossas práticas docentes? O que as filósofas têm a nos dizer? Quais contribuições as mulheres tiveram na história da filosofia, nos diferentes períodos? Essas são algumas questões a serem feitas.

Tais questionamentos já me inquietavam no final dos anos noventa, quando cursava licenciatura plena em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas-RS. No entanto, a reflexão sobre a ausência das mulheres na Filosofia, em livros didáticos, pesquisas e compêndios filosóficos foi aprofundada durante os anos de 2004-2005 quando foi realizada uma pesquisa com base em narrativas de vida e história oral de professoras de Filosofia, que atuavam com Filosofia em Programas de pós-graduação no Rio Grande do Sul. Esse trabalho de dissertação de mestrado foi orientado pela professora Dra. Edla Eggert, no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS/RS⁴.

O livro "As Relações de Gênero na Filosofia" foi publicado cerca de sete anos depois da pesquisa ser realizada. Nele consta a inquietação propositiva da professora e pesquisadora – **“o de criar disciplinas em nossos cursos de Filosofia que contemplem essa temática, e de criar um Grupo de Trabalho sobre 'gênero e filosofia' na ANPOF”**⁵. **As disciplinas em cursos de filosofia ainda precisam ser criadas em universidades, mas o GT que trata sobre Gênero e Filosofia na ANPOF foi criado**⁶.

³ LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los Cautiverios de las Mujeres**: Madresposas, monjas, putas, presas y locas. México: Siglo XXI Editores, 2015. p. 67.

⁴ Para conhecer mais, ler: As Relações de Gênero na Filosofia (ROSA, 2012); e ROSA (2006).

⁵ ROSA, 2012, p. 74.

⁶ Para saber mais, ver: GT FILOSOFIA E GÊNERO. **ANPOF**, [s.d.]. Disponível em: <https://anpof.org.br/gt/gt-filosofia-e-genero>. Acesso em: 9 out. 2023.



Falar de mulheres na Filosofia tem sido algo que estamos vendo com mais recorrência que outrora, no entanto, é importante conhecermos os trabalhos das pesquisadoras e estudiosas de gênero e feminismos na Filosofia, que ousaram contar outra história da Filosofia, a partir de textos raros e inéditos, numa época que gênero não era considerado um tema filosófico.

Já contei em outro momento que ao tentar realizar um estudo de doutorado pleno no exterior, no início dos anos dois mil, fui barrada por uma banca composta por homens, que questionaram se gênero era um tema filosófico. Naquele momento, não tinha argumentos que os convencesse, e assim negaram a bolsa de estudos no exterior, da CAPES, simplesmente colocando que o país de origem não estava claro na proposta. Agora pergunto, quem faz um projeto de pesquisa para um doutoramento pleno no exterior e não deixa explicitado o país de destino. Na época, mesmo tendo anexado a carta de aceite da Universidade de Lisboa, optei em não recorrer, e segui estudando as mulheres na Filosofia no Brasil.

Outra questão importante, foi que no início dos anos dois mil, os primeiros estudos em Programas de pós-graduação sobre essa temática eram realizados em Brasília e no Rio de Janeiro, tendo também algumas professoras de Filosofia vinculadas a programas de pós-graduações em Filosofia em outras regiões que organizaram eventos⁷ e escreviam sobre, como a Márcia Tiburi, que na ocasião era docente da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS.

As mulheres sempre estiveram presente das discussões filosóficas em diferentes momentos da história da Filosofia. O que pouco problematizávamos e sabíamos, era o lugar que os homens davam às mulheres na Filosofia.

A estrutura patriarcal e androcêntrica colocou as mulheres fora do cânone, e do debate. Elas eram mestras, professoras, pesquisadoras, mas não podiam

⁷ Ver TIBURI, Marcia; MENEZES, Magali de; EGGERT, Edla (org.). **As mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.



protagonizar. Não assinavam seus estudos e pesquisas, ou ainda, eram obrigadas a deixar que os homens assinassem por elas e falassem suas ideias.

Falar e escrever sobre “Mulheres na Filosofia” é algo que vai além de uma produção acadêmica. Trata de reconhecer uma lacuna na história da Filosofia, que jogou as mulheres para um submundo, onde ainda precisamos unir forças para legitimar seus saberes e fazeres no campo filosófico e das ciências em geral. Afinal, as mulheres estiveram presente na Filosofia, e sendo a Filosofia *a mãe* de todas as ciências, como negar, silenciar e ocultar o pensamento das mulheres?

MULHERES, FILOSOFIAS, GÊNERO E FEMINISMOS

Quando nós mulheres sentamos nos bancos acadêmicos, deparamo-nos com um saber do qual não possuímos nenhuma identificação. Isto é muito visível principalmente nos cursos de filosofia, em que entramos em contato com uma história profundamente hostil e indiferente à participação das mulheres.⁸

Podemos dizer que temos diferentes vertentes que estudam ou estudaram as mulheres na Filosofia, e que temos diversas filosofias com estudos sobre as filósofas/pensadoras; estudos de gênero na Filosofia, que problematizam as relações de gênero na Filosofia, ou seja, analisam o que os homens falaram das mulheres na história da Filosofia, denunciando preconceitos de gênero e a exclusão das mulheres na filosofia. Os estudos feministas problematizam e denunciam as opressões, violências e o patriarcado. “La verdadera polémica en torno al patriarcado se inicia en los años sesenta de nuestro siglo cuando la teoría feminista comienza a consolidarse”⁹. As feministas reconhecem que para denunciarmos a exclusão das mulheres na Filosofia é preciso reconhecer que elas sofreram e sofrem as amarras de um sistema machista, androcêntrico, racista, homofóbico e patriarcal.

⁸ MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. In: TIBURI, Marcia; MENEZES, Magali Mendes de; EGGERT, Edla (org.). **As mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. p. 13-22.

⁹ VALCÁRCEL, Amelia. **Sexo y filosofía**. Sobre ‘mujer’ y ‘poder’. Barcelona: Antropos editorial, 1994. p. 128.



Denunciando as relações de poder, buscam inserir nas salas de aulas o pensamento das mulheres filósofas e suas histórias de vidas. Os feminismos negros e as filosofias africanas têm nos ensinado muito e contribuído para rompermos com o pensamento filosófico hegemonicamente branco e masculino.

Além das epistemologias feministas¹⁰ e temas filosóficos que antes pouco líamos numa perspectiva feminista, temos desenvolvido trabalhos que mesclam histórias de mulheres, gênero e feminismos, e, portanto, são híbridos, pois misturam metodologias de estudos e pesquisa com as teorias de gênero e feministas. Todos são importantes para darmos visibilidade ao que pensaram e escreveram as mulheres na Filosofia, e também para denunciar as violências que muitas sofreram, e outras tantas ainda sofrem por serem mulheres, que escrevem/escreveram filosofia.

Assim temos aprendido umas com as outras a fazer filosofia feminista.

Nesse momento histórico, uma pergunta recoloca em cena a potencialidade da própria filosofia, que precisa se expandir para além de limitações patriarcais. Trata-se da questão: 'O que é filosofia feminista?'. Essa pergunta merece uma resposta que vem sendo dada por diversas pensadoras em escala histórica, geográfica e geopolítica. O conjunto da filosofia feminista vem a ser a soma dos gestos e atos de cocriação entre pesquisadoras, professoras e militantes em rede. A filosofia feminista é uma resposta teórica que é prática, e uma resposta prática que é teórica a uma exigência do movimento feminista em geral.¹¹

A Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia-ANPOF, juntamente com a rede brasileira de mulheres filósofas tem realizado o Prêmio Filósofas. Tal premiação é de suma importância para valorizar estudos e pesquisas de mulheres na Filosofia no território brasileiro.

¹⁰ Sugiro a leitura do texto "Epistemologia Feminista", de Naomi Scheman, traduzido por Rafaela Missaggia Vaccari e Gisele Dalva Secco (2023).

¹¹ BORGES, Maria de Lourdes; TIBURI, Marcia; CASTRO, Susana de (org.). **Filosofia Feminista**. São Paulo: SENAC, 2023. p. 10.



Estamos em rede!¹² A Rede brasileira de Mulheres Filósofas se propõe a lutar contra o preconceito acadêmico, discutindo questões de feminismos e gênero, com ênfase nas obras de filósofas.

O número de eventos sobre a temática Mulheres na Filosofia aumentou significativamente. Podemos dizer que durante um longo tempo na história da Filosofia as mulheres não eram escutadas, e seus trabalhos e eventos eram pouco valorizados, acontecendo que muitas vezes o público era apenas mulheres falando para mulheres. Hoje, percebe-se um aumento de interesse e de publicações sobre a temática¹³.

Tal avanço demonstra que os estudos de mulheres, gênero e feminismos alcançou a Filosofia, mesmo com tanta resistência. O número de publicações e eventos prova que tais estudos não ficarão mais em nossas bibliotecas pessoais, e/ou gavetas. Hoje, nós mulheres na Filosofia nos denominamos filósofas com muito mais propriedade que outrora, rompendo com as amarras do sistema patriarcal e estamos aprendendo a ler e *citar nosotras*.

Lélia Gonzalez, mineira, foi uma das pioneiras do feminismo negro no Brasil. Ela denunciou o silenciamento dos protagonismos das mulheres negras. Na antiga Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro ela se tornou bacharel em história e Geografia (1958), com 23 anos, e posteriormente Bacharel em Filosofia (1962).

Ao lermos as mulheres negras podemos ver que se foi difícil para nós brancas atuarmos na Filosofia, para as mulheres elas, essa realidade era ainda pior. Elas estudaram historicamente com muito mais dificuldades materiais, e devido a desigualdade social, preconceitos e violências que sofreram, levaram mais tempo para chegarem nas Universidades e acessarem a pós-graduação e concursos

¹² Para conhecer mais, sugiro acessar: REDE BRASILEIRA DE MULHERES FILÓSOFAS [2023]. Disponível em: <http://https://www.filosofas.org/>. Acesso em: 10 out. 2023.

¹³ Sugiro acessar para conhecer alguns exemplos de eventos: REDE BRASILEIRA DE MULHERES FILÓSOFAS [2023]. **Eventos**. Disponível em: <https://www.filosofas.org/noticias/categories/eventos>. Acesso em: 10 out. 2023.



públicos. Se assumir como mulher negra e romper com o branqueamento epistemológico já são grandes desafios. No final da década de 70, refletir e lutar para melhorar a condição de vida das mulheres negras na sociedade passou a ser sua “bandeira” junto aos movimentos negro e feminista. Assim como Lélia, outras filósofas negras não eram e ainda são pouco estudadas em nossas Universidades e salas de aulas do ensino básico. No entanto, precisamos aprender que as filósofas negras são fundamentais para rompermos com as filosofias preconceituosas e discriminatórias, pois elas impactam não só com seus temas e luta, mas também com seus corpos, cores, crenças e cabelos.

Ao escrevermos “Angela Davis: Uma pantera Negra na Filosofia”¹⁴, não encontramos obras de Davis em Português. Nesse sentido, além de tratar de uma filósofa negra, acreditávamos na importância de traduzir textos, interpretar vídeos e outros materiais disponíveis na internet, para poder inserir ela no livro “Filósofas. A presença das mulheres na filosofia”¹⁵. Esse tipo de livro é de suma importância para que leitores/as mais jovens acessem o pensamento das filósofas e conheçam suas histórias de vida e militâncias. Além de apresentarmos a história de vida e o pensamento de Davis, nesse mesmo artigo falamos sobre “Filosofia, feminismos e as mulheres” e “Filosofia e Feminismo Negro”.

Desde a Antiguidade as mulheres fazem parte da Filosofia, no entanto há necessidade de fazer redes, ultrapassar barreiras, fronteiras, questionar e levantar perspectivas frente a esse processo de exclusão das mulheres na sociedade e consequentemente na Filosofia. Para que a escola e a Universidade seja um espaço de possibilidades e não, como ainda vemos, um lugar de exclusão ou aprisionamento de ideias e pensamentos que fogem da lógica: homem, europeu e branco.¹⁶

¹⁴ FERREIRA, Évelin dos Santos; ROSA, Graziela Rinaldi da. Angela Davis: Uma pantera negra na Filosofia. In: PACHECO, Juliana (org.). **Filósofas**. A presença das mulheres na Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p. 334-355.

¹⁵ PACHECO, 2016.

¹⁶ FERREIRA; ROSA, 2016, p. 346.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



Nossas universidades estão começando a se abrirem para outras epistemologias e outros corpos e teorias. São inúmeros os desafios, desde o ponto de vista pessoal, de cada professor/a que é convocado para fazer outras leituras, diante de uma sala de aula com estudantes brancos/as e negros/as, quanto do ponto de vista político, pois já aprendemos com Paulo Freire que não há educação neutra, e a educação é política! Assim, os conteúdos, os currículos, os projetos, os corredores, das práticas escolares e comunitárias, tudo, precisa ter a presença da diversidade que compõe nossas culturas e comunidades.

PARA NÃO CONCLUIR...

Nunca mais a filosofia será a mesma! Após os estudos de gênero e feministas realizarem suas críticas contra a hegemonia branca, masculina e elitista presente na história da filosofia, as mulheres passaram a denunciar as violências que sofrem nas universidades ao estudar filosofia. Não que outras não tivessem denunciado antes. Escrever sobre as relações de gênero na Filosofia, os preconceitos e violências de gênero, bem como trabalhar com as epistemologias feministas e temas como ecofeminismo, feminismo negro, violência, movimentos sociais feministas, estética, beleza, filosofia feminista, direitos humanos, ética feminista, sororidade, aborto, feminismo decolonial, entre outros, passaram a compor o cotidiano da Filosofia brasileira.

Não tem como ensinarmos filosofia em nossos cursos de graduação e na educação básica sem considerarmos a presença das mulheres na Filosofia. Aliás, isso nunca deveria ter ocorrido. Desta maneira é emergente estudarmos e nos atualizarmos sobre tais temáticas, obras e concepções filosóficas, que inclui os pensamentos de mulheres brancas e negras, bem como seus protagonismos e lutas.

Além das filósofas brancas, temos que ler as filósofas negras, caso contrário seguiremos reproduzindo essa filosofia que tanto criticamos. Conhecer as



epistemologias feministas latino-americanas é outro desafio. Elas apresentam uma diversidade de temas filosóficos, contextualizados com nossa realidade.

Com a entrada das mulheres negras nas universidades públicas temos outras aprendizagens. A começar com a própria ideia de ciência, ancestralidade, conhecimentos e epistemologias que ficavam até então às margens de um currículo branco, hegemônico, patriarcal, racista androcêntrico, linear e cartesiano... Pensar as mulheres e as Filosofias nos remete a pensarmos outros corpos e saberes.

Já fomos fizemos nossas críticas ao preconceito de gênero e às aberrações que os filósofos disseram sobre nós mulheres. Começamos a romper com as violências que sofriamos em salas de aulas, na medida que começamos a denunciá-las. Aprendemos a nos questionar sobre a ausência de *nosotras* em nossos próprios referenciais teóricos. Mas ainda precisamos avançar em nossas produções de cunho feminista na Filosofia- considerando os diversos feminismos, conhecendo as filosofias africanas, ameríndias e latino-americanas, para ouvir outras vozes, outras filosofias.

Começamos a adotar políticas afirmativas em programas de pós-graduação no Brasil, visando eliminar desigualdades históricas. Passamos a criar concursos específicos para mulheres indígenas, negras e quilombolas, adotando não apenas cotas, mas, vagas para pessoas negras, mulheres negras. Um exemplo dessa última, é um edital recente (número 16/2023), do programa de pós-graduação em Filosofia, da Universidade Católica do Paraná/Brasil, que abriu um processo seletivo para contratação de professora destinado a “mulheres pretas, pardas, indígenas e Quilombolas”.

Contudo, são muitas as frentes que precisamos atuar para romper com os preconceitos de gênero, violências, assédios e ao patriarcado ainda existente nos cursos de Filosofia. Ler e ouvir as mulheres na/da filosofia nos ajudam a lembrar que não estamos sós, e que juntas somos mais fortes! Lemas que gritamos em nossas marchas, e cantamos, mas que ainda precisamos reafirmar para seguirmos lutando!



REFERÊNCIAS

BORGES, Maria de Lourdes; TIBURI, Marcia; CASTRO, Susana de (org.). **Filosofia Feminista**. São Paulo: SENAC, 2023.

FERREIRA, Évelin dos Santos; ROSA, Graziela Rinaldi da. Angela Davis: Uma pantera negra na Filosofia. *In*: PACHECO, Juliana (org.). **Filósofas**. A presença das mulheres na Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p. 334-355.

GT FILOSOFIA E GÊNERO. **ANPOF**, [s.d.]. Disponível em: <https://anpof.org.br/gt/gt-filosofia-e-genero>. Acesso em: 9 out. 2023.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los Cautiverios de las Mujeres: Madresposas, monjas, putas, presas y locas**. México: Siglo XXI Editores, 2015.

MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. *In*: TIBURI, Marcia; MENEZES, Magali Mendes de; EGGERT, Edla (org.). **As mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. p. 13-22.

REDE BRASILEIRA DE MULHERES FILÓSOFAS [2023]. Disponível em: <http://https://www.filosofas.org/>. Acesso em: 10 out. 2023.

REDE BRASILEIRA DE MULHERES FILÓSOFAS [2023]. **Eventos**. Disponível em: <https://www.filosofas.org/noticias/categories/eventos>. Acesso em: 10 out. 2023.

ROSA, Graziela Rinaldi da. **As Relações de Gênero na Filosofia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

ROSA, Graziela Rinaldi da. **As Relações de Gênero na Filosofia: vivências e narrativas de professoras de filosofia** [2006]. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/1912/GrazielaRinaldiRosa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 9 out. 2023. 293 p.

TIBURI, Marcia; MENEZES, Magali de; EGGERT, Edla (org.). **As mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

VACCARI, Rafaela Missaggia; SECCO, Gisele Dalva. Tradutoras. Epistemologia feminista. Naomi Scheman. *In*: AGGIO, Juliana *et al.* (org.). **Filósofas**. Curitiba: Kottter editorial, 2023. p. 43-59.

VALCÁRCEL, Amelia. **Sexo y filosofía**. Sobre 'mujer' y 'poder'. Barcelona: Antropos editorial, 1994.